

# RISCO

## \_zé de rocha

### Quando riscar e arriscar como diferença se repetem

No trabalho de Zé de Rocha, põe-se o RISCO em risco, assumido pelo artista como um *cronotopos* irradiador ente cálculo e transgressão, como ampla Imagem Geradora de um incessante jogo no atrito com as matérias, assim vai riscando e arriscando os múltiplos sentidos poéticos percebidos ou intuídos nas suas ações em confronto com suportes e meios diversos.

Da *Guerra de Espadas*, manifestação tradicional na cidade de Cruz das Almas, além de trazer um olhar fascinado pelo desenho do fogo como um espectador privilegiado, pois ainda menino, lá também imprimiu na pele um “cavaleiro de espadas”, vestindo suas “armaduras”, quando em festa e presença brincou.

Porém, desse lugar carrega outro corpo, das sensações, que ultrapassa e retorna na arte, repetindo sua diferença única. Com esse corpo-memória já foi “espadeiro-pintor”, quando utilizou para riscar com o fogo das “espadas”, no tempo-espaco de vídeos e nos suportes das telas, com o próprio instrumento desta manifestação – ainda viva, mas em vias tencionadas e em ameaças de desapareição.

Ao decantar imagens, no retorno da diferença para o atual ciclo de trabalhos, a vida continua a transbordar de seus cadernos, de seus registros em meios técnicos ou tecnológicos, de seu “atelier” sempre expandido a vida retorna também nos vídeos. Dança de novo o original gesto espadeiro, arquétipo masculino-feminino, do conhecimento profundo, do fogo e da luz. Destaca-se a força motriz na delicadeza do gesto ancestral da avó que captura em silêncio, *in memoriam*, na repetição infinita, revertida e espelhada.

Frente ao trabalho de Zé, brotam muitas perguntas:

**Para onde vão as coisas que morrem nascem pelas queimas do fogo?**

**E aquelas acontecidas e que são pelo fogo do tempo queimadas?**

**O que fazer com toda a matéria sobrando calcinada?**

**Para onde irão as coisas que estão, nesse momento, sendo queimadas e na eminência de apagar ou desaparecer?**

**E essa luz que se apagou há milênios e ainda nos chega visível no tempo presente da nossa escuridão?**

Ao decantar este denso universo poético, um exímio desenhista amadurece e permanece riscando e arriscando uma obra singular. A emoção nos vence pela movência do traço luz-escuridão, revelando a decifração de uma paisagem pungida pela matéria ígnea. Por tudo aquilo que além de nós perdura, mas continua pelo avesso do avesso na sombra a nos incendiar. Eterno jogo humano, contingência do morto-vivo, do presente-ausente, e quem sabe por aqui, na captura, um Prometeu pós-moderno também retorna e ao mesmo tempo nos aprisiona, nos espia: zomba de nós, ou nos liberta?

**Sonia Rangel.**  
Setembro de 2019.

